

## SEXUALIDADE E DOCÊNCIA NO ENSINO FUNDAMENTAL I: ENTENDIMENTOS, MANIFESTAÇÕES E SUGESTÕES PARA A PRÁTICA PEDAGÓGICA

André de Souza Santos  
Licenciado em Educação Física - Acadêmico do Curso de Pedagogia  
Faculdade de Ensino Superior Dom Bosco  
Membro do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação e Sexualidade  
Bolsista do Programa de Educação Tutorial do Ministério da Educação

Claudia Ramos de Souza Bonfim  
Doutora em Educação (UNICAMP)  
Pesquisadora (Grupo PAIDEIA – FE- UNICAMP)  
Professora Titular da Faculdade de Ensino Superior Dom Bosco  
Coordenadora do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação e Sexualidade  
Tutora do Programa de Educação Tutorial do Ministério da Educação

Agência Financiadora: PET – MEC – FNDE

### RESUMO

O presente trabalho é qualitativo- explicativo- bibliográfico, com aporte de pesquisa de campo. Objetiva-se averiguar como professores da Educação Básica, especificamente o Ensino Fundamental I, do município de Cornélio Procópio/PR, entendem a temática de Sexualidade em seu cotidiano escolar. Fundamenta-se especialmente em Nunes, Silva, Guimarães, Bonfim, entre outros estudiosos da área. Questiona-se: os profissionais da educação fundamental encontram-se preparados para intervir de maneira qualitativa em manifestações da Sexualidade? Para desvendarmos a indagação proposta, inicialmente, apresentam-se informações referentes aos critérios de seleção por nós utilizados, para esta pesquisa, que foi desenvolvida através de questionários abertos. Posteriormente, evidencia-se análise sobre as resoluções oriundas das questões aplicadas e suas especificidades. Abordam-se ainda, sugestões para a melhoria da prática educacional da educação e sexualidade. Ao final do estudo, considera-se que o conhecimento na área de sexualidade é fundamental e urgente aos educadores deste nível de ensino, já que manifestações presentes no cotidiano escolar, não recebem intervenção adequada, prejudicando o processo de construção da emancipação sexual de cada educando.

**Palavras-chave:** Sexualidade; Educação; Docência; Ensino Fundamental; Emancipação.

Realização:



Apoio:



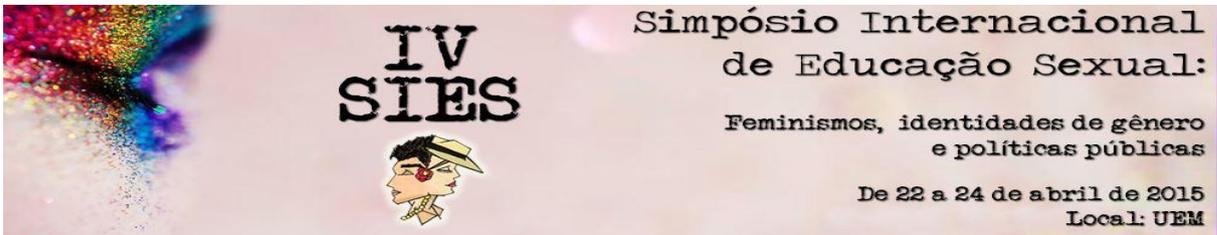
**DTP** Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:



PlayBook



## INTRODUÇÃO

A escola é um ambiente caracterizado por manifestações de diferentes naturezas. A evidenciação de comportamentos, através do corpo discente, pode servir como base de análise em busca do que deve ser feito para a manutenção de um espaço mais acolhedor, compreensivo e humanizado. Todos os dias, diversos alunos e alunas adentram suas instituições de ensino, cheios de esperança, objetivos, medos, perspectivas, sonhos, e cada um detendo um ponto vista de vista individual e coletivo, sobre diversas instâncias da vida, incluindo a sexualidade, construído através de suas experiências de vida históricas socioculturais, sendo assim, como afirma Guimarães (1989, p.116) “deveríamos fazer dessa instituição educativa um veículo de expansão de uma mentalidade nova sobre a sexualidade”.

Quando tratamos deste assunto em âmbito escolar, não podemos nos esquecer, que a compreensão sobre este é fundamental e indispensável ao professor que se encontra diariamente com desafios pedagógicos e humanos e lida com as vivências destes educandos. Neste sentido, indagamo-nos se os profissionais da Educação Fundamental encontram-se preparados para intervir de maneira qualitativa em manifestações da sexualidade. Com esta perspectiva, nossa pesquisa tem a humilde intenção de investigar o conhecimento do docente de Ensino Fundamental I sobre a temática sexualidade, conhecer simbolicamente o cotidiano destes profissionais, e quais são suas ações para lidar com as questões sexuais em sala de aula.

A coleta de dados ocorreu em uma escola municipal de Cornélio Procópio, região norte do Paraná, através de questionários dissertativos. Objetivamos apresentar de maneira simplificada o que pensa e como age o profissional de educação e fazer apontamentos sobre como melhorar sua prática pedagógica, no tocante à sexualidade.

Justificamos este trabalho, a princípio, por ser tratar de um assunto de extrema relevância e urgência, já que a sexualidade que nos acompanha desde que nascemos se manifesta em todos os ambientes por nós frequentados, como o

Realização:



Apoio:



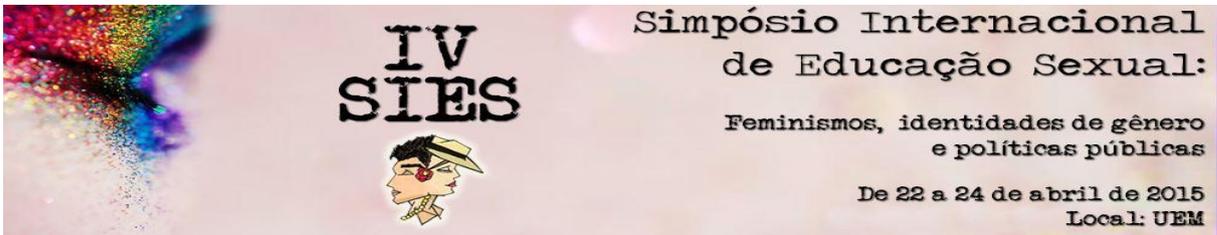
DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:



PlayBook



âmbito educacional, a exemplo, e profissionais de educação devem estar aptos a trabalhar este tema. A observação através de nossa rotina escolar como educador, de abordagens confusas, repressões ou opressões, e até mesmo a omissão, e por fim, a tentativa de macular afloramentos sexuais em toda sociedade, e neste caso, na escola especificamente, nos desperta a curiosidade sobre a investigação do sentido de tais atitudes, e como modificá-las.

Apresentamos nossos resultados através das seções metodológicas, onde evidenciamos nossos critérios para a seleção de perguntas e participantes, posteriormente, uma breve análise sobre as respostas, sugestões para a prática escolar, e nossas conclusões a respeito deste exposto.

## METODOLOGIA

Para a elaboração deste trabalho, utilizamos uma metodologia prática, aplicando questionários a professores, objetivando angariar informações que ilustrem sensivelmente seus conhecimentos e suas práticas, no tocante a sexualidade. Deixamos os questionários na escola alvo de nossa pesquisa e nos ausentamos, guiando-nos pela concepção de Pádua (2000, p. 69), no que se refere a este método: “Os *questionários* são instrumento de coleta de dados que são preenchidos pelos informantes, sem a presença do pesquisador”.

Para a elaboração das perguntas, novamente, embasamo-nos no conceito de Pádua (2000, p. 69), em busca do desenvolvimento de um trabalho rápido e objetivo: “Deve-se ter o cuidado de limitar o questionário em sua extensão e finalidade, a fim de que possa ser respondido num curto período de tempo, com o limite máximo de trinta minutos”.

## CRITÉRIOS DE SELEÇÃO

Com a intenção de averiguar as condições de intervenção de professores do Ensino Fundamental I, do município de Cornélio Procópio, selecionamos uma

Realização:



Apoio:



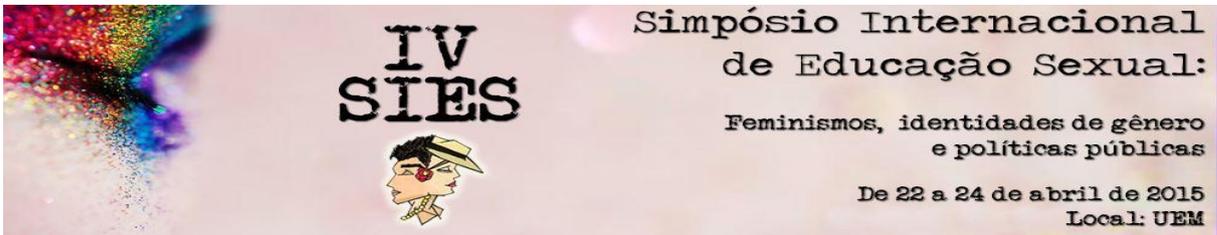
DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:



PlayBook



instituição em busca de informações que respaldassem esta pesquisa, objetivando evidenciar uma pequena amostra sobre o preparo de educadores para trabalharem com o tema. O questionário foi aplicado a cinco profissionais de educação, correspondentes do 1º ao 5º ano, com indagações básicas a respeito do conhecimento em sexualidade, sobre suas condutas em relação a manifestações do cotidiano, bem como a importância do entendimento sobre a área verificada. Foram inquiridas também sua área de formação, tempo de atuação, sexo e a atual turma de regência na escola.

O trabalho se constituiu através das seguintes indagações: **1** – Qual o seu entendimento sobre sexualidade? **2** – Observa manifestações da sexualidade em âmbito escolar e particularmente em suas aulas? Exemplifique. **3** – Acredita que o conhecimento sobre esta área influencia em sua prática pedagógica? Como? **4** – Foram trabalhados conhecimentos em sexualidade em sua formação? Quais?

Consideramos que estas questões englobam aspectos essenciais a atuação escolar, por se tratarem de informações que se encontram dentro de práticas do dia-a-dia, e podem nos apresentar direcionamentos básicos, de como profissionais desta área atuam contemporaneamente.

As motivações que nos levaram a selecionar professores desta fase se devem, singularmente, a urgência que verificamos no entendimento da sexualidade por parte de docentes que se encontram diariamente com diversas manifestações de alunos e alunas.

Sabemos que informações médico-higienistas, de cunho estritamente biológico, não são suficientes para que professores tenham capacidade de intervir de maneira emancipatória em sua sala de aula, o que gera a omissão e a debandada da temática sexual. A perspectiva emancipatória de Educação em Sexualidade é entendida por Nunes (2003, p. 35), como:

A ação emancipatória torna-se efetiva quando articula a teoria, a reflexão analítica, com a ação consistente, metódica, politicamente determinada com a intencionalidade propositiva. Chamamos emancipatória a perspectiva que visa produzir autonomia crítica,

Realização:



Apoio:



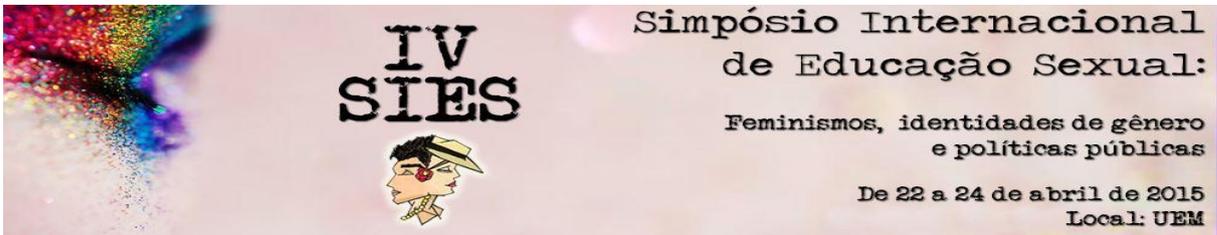
**DTP** Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:



PlayBook



cultural e simbólica, esclarecimento científico, libertação de toda forma de alienação e erro, de toda submissão, engodo, falácia ou pensamento colonizado, incapaz de esclarecer os processos materiais, culturais e políticos. Ao mesmo tempo que liberta, aponta a emancipação significa também a prática da autonomia ética, o ideal e o propósito de constituir valores que justifiquem nossas condutas morais, indica ainda a responsabilidade social pelas escolhas e opções que fazemos, até constituir-se num ideal de elevação estética. De cultivo de ideais justos e carregados de generosa identificação com o que é bom, belo, adequado, o ideal de realização estética para todos. Por fim, emancipação significa coerência, autonomia, convicção e libertação política, a constituir-se em grupos e comunidades de pessoas esclarecidas pela ciência e motivadas pelos ideais e virtudes coletivas.

Como vimos, esta ação se refere a algo maior, de fato, uma libertação dogmática, ortodoxa e de qualquer forma de repressão, opressão, omissão ou alienação a conhecimentos extremamente relevantes a nosso desenvolvimento como seres autônomos e intelectualmente capazes de refletir sobre nossas atitudes em um sentido ético, político e filosófico. Manifestações subjetivas não são mensuráveis, mecânicas, previsíveis, como questões biológicas e por isso, o educador deve se encontrar preparado para resoluções que estão além de métodos e manuais pedagógicos. De acordo com Bonfim (2012, p. 37):

É possível verificar que muitas escolas ensinam somente a constituição anatômica das genitálias masculina e feminina, com suas funções biológicas e reprodutivas, acreditando exercer integralmente uma educação sexual. No entanto, a educação repressiva e culturalmente ligada ao pecado que nossos antepassados recebiam (e muitos ainda recebem) fez e faz com que muitas pessoas não vivenciem sua sexualidade de maneira tranquila e prazerosa, consolidando, ao contrário, uma visão quase que somente voltada à reprodução da espécie. Os modelos educacionais, dentre os quais o escolar, ao abordarem em sua maioria apenas a vertente biológico-higienista, não ficam muito longe desse tipo de educação sexual, muitas vezes mais confundindo do que orientando, pois não mostram o quão significativa é a dimensão da nossa sexualidade.

Em cursos pedagógicos, de Ensino Superior, essencialmente para licenciados em disciplinas obrigatórias do currículo da Educação Básica, ou mesmo Pedagogia,

Realização:



Apoio:



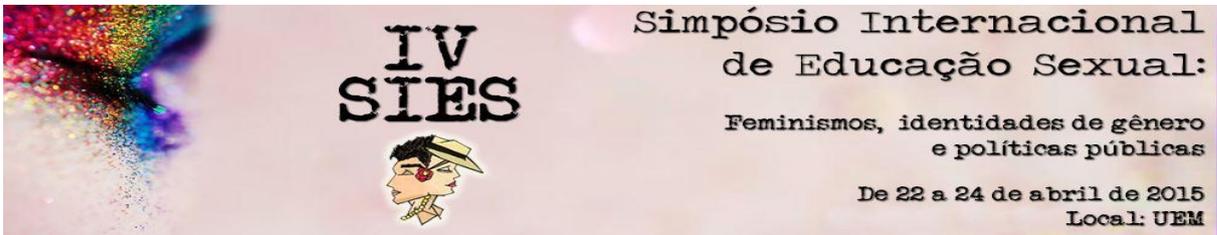
**DTP** Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:



PlayBook



o estudo sobre a sexualidade encontra-se comprimido nas aulas de Psicologia Educacional, Educação e Diversidade, dentre outras.

Como já apontou Bonfim (2012), fazem-se necessárias modificações em cursos de formação docente para futuras intervenções conscientes e esclarecedores a respeito desta temática. Na última seção deste trabalho, apresentaremos ideias que podem efetivar mudanças paulatinas nesta área.

## O ENTEDIMENTO SOBRE A SEXUALIDADE E A PRÁTICA PEDAGÓGICA

### ANÁLISE DE QUESTIONÁRIOS

Começamos pela caracterização informativa das profissionais questionadas: todas as participantes desta pesquisa eram do sexo feminino, apresentaram média de aproximadamente 20 anos de atuação e concentraram suas formações nas áreas de Pedagogia e Biologia, atuando como professoras regentes do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental I.

A primeira pergunta do questionário foi referenciada objetivamente a perspectiva individual do professor, já que não trazia em si qualquer cunho científico e sim uma averiguação pessoal de sua ótica sobre a sexualidade. Obviamente, sabemos que o conhecimento sistematizado modifica e amplia nossas significações pessoais e por isso essa indagação serve-nos de indicativo de como o docente compreende e atua com o tema. A questão inicial foi: **1 – Qual o seu entendimento sobre sexualidade?**

Para essa questão foram apresentadas resoluções heterogêneas e de diferentes naturezas. Encontramos o caráter biológico e terapêutico como predominantes nas fundamentações. Vejamos algumas das respostas a seguir:

*“Entendo que é algo inerente a todo ser vivo e que deve ser bem entendido e canalizado para não se tornar algo anormal, doentio”;*

Realização:



Apoio:



**DTP** Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:





*“Entendimento científico. Um conjunto de funções e ideias que diferenciam os seres. O encontro de células masculino e feminino pode dar origem a um novo ser com características físicas e psíquicas”.*

De acordo com as palavras destas docentes, podemos considerar seu entendimento sobre a sexualidade, reducionista, já que apresentam a vertente médica como sua principal compreensão à temática. Devemos esclarecer, que a sexualidade como considera Bonfim (2012), está ligada a tudo que nos dá prazer, englobando suas dimensões afetivas, emocionais, comportamentais e o livre exercer de sua subjetividade, com a ética coletiva. Carrega em si fatores culturais, sociais, religiosos, entre outros, que delineiam atitudes de cada pessoa, historicamente.

Nunes e Silva (2006), apresentam um conceito de sexualidade transcendental, ampla, complexa, considerando-a presente em todas as nossas ações e negando sua redução à reprodução, ideia difundida por muito tempo pelos campos de análise biológicos:

Nossa compreensão primordial fundamenta-se na idéia de que a sexualidade não é uma “parte” ou “complemento” da condição humana. Não se trata de uma dimensão secundária, vinculada às demais habilidades e potencialidades humanas. Ao contrário, entendemos que a sexualidade é uma marca única do homem, uma característica somente desenvolvida e presente na condição cultural e histórica do homem. Este homem é um ser sexuado. Assim, tudo o que faz ou realiza envolve esta sua dimensão de “ser sexuado”, isto é, de constituir uma sexualidade, uma significação e vivência da mesma, diversamente da determinação instintiva e primariamente animal e reprodutiva. A sexualidade transcende à consideração meramente biológica, centrada na reprodução e nas capacidades instintivas. (NUNES; SILVA, 2006, p. 73)

Ao refletirmos sobre a sexualidade supracitada, podemos afirmar que o entendimento desta dimensão em uma perspectiva emancipatória, faz-se indispensável a uma existência equilibrada, harmoniosa, considerando esta

Realização:



Apoio:

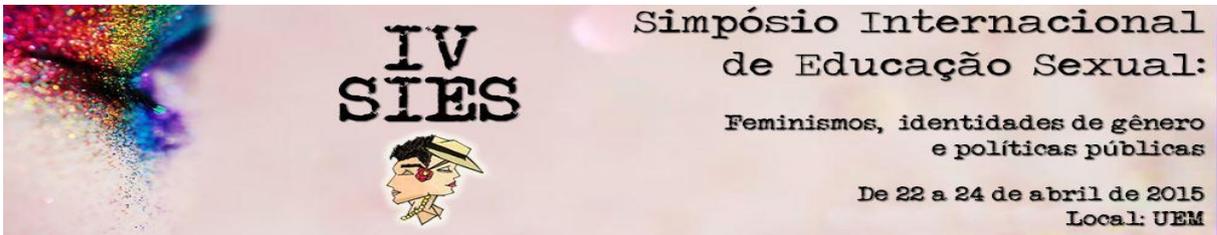


**DTP** Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:





dimensão sexual intrinsecamente articulada a nossos comportamentos e atitudes individuais e sociais.

A segunda questão evidenciava particular relação com a prática de cada professora, indagando-as a respeito da observação de manifestações sexuais em sala de aula. Este questionamento tentou identificar a capacidade de reconhecimento e intervenção a acontecimentos relativos à sexualidade, e por isso o destacamos como principal para esta pesquisa. Foi descrita da seguinte maneira: **2 – Observa manifestações da sexualidade em âmbito escolar e particularmente em suas aulas? Exemplifique.**

Algumas respostas, novamente, enfatizaram a perspectiva biológica na verificação de manifestações, como nessa resposta: *“Algumas curiosidades, que são explicadas nas aulas de ciências, através dos sistemas reprodutor feminino e masculino num vocabulário científico como o nome dos órgãos e suas funções”*.

Entretanto, a maioria dos questionados, apesar de afirmarem observar acontecimentos relacionados a sexualidade, não exemplificaram tais ações em sua prática, como nas seguintes respostas: *“Sim, vejo manifestações precoces que devem ser bem canalizadas. O professor deve procurar usar estratégias pedagógicas c/ muita naturalidade, p/ não implicar em problemas futuros, contribuindo p/ um bom desenvolvimento do educando.”*

Vejamos outro exemplo similar: *“Sim, algumas manifestações precoces que precisam ser trabalhadas para não se tornar um problema para a criança”*. Presenciamos a utilização da palavra “precoce” repetidas vezes, contudo, a ausência de exemplificações de manifestações, leva-nos a crer que estas profissionais estão assimilando um discurso difundido socialmente, porém, sem reconhecê-los em sua prática pedagógica, impossibilitando sua intervenção e sem compreender que as manifestações da sexualidade estão presentes desde o nascimento, como parte integrante do desenvolvimento e inicialmente sem cunho erótico. Este desentendimento ou não capacidade de reconhecimento destas expressões, invariavelmente geram atitudes omissivas, a ausência de ações, ou

Realização:



Apoio:



**DTP** Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:



PlayBook



mesmo a permissividade. Esclarece-nos Nunes e Silva (2006), sobre as consequências destas posturas de educadores e também de pais:

Caracteriza-se por uma compreensão equivocada da sexualidade da criança e por uma concepção desfocada da importância e significado da ação dos pais sobre a construção desta sexualidade. Trata-se de um conjunto de ações que se pautam essencialmente pela *negação* da sexualidade infantil. Esta negação muitas vezes não se traduz em práticas visivelmente repressivas, como fazem aqueles que fundamentam suas práticas na concepção conservadora vigente. Os pais e educadores deste segundo grupo, metodologicamente reunidos, acatam as manifestações da sexualidade infantil, desde que não tenham nenhuma intervenção e responsabilidade direta sobre estas. Deixam seus filhos e alunos à mercê da curiosidade diletante, não desenvolvem habilidades de linguagem nem situações didáticas para abordar as descobertas corporais e as manifestações do desejo de suas crianças. Omitem-se no mais crasso silêncio, muitas vezes obsequioso, afirmando que o assunto é demasiado complexo e não se encontram preparados para abordar a questão. (NUNES; SILVA, 2006, p. 116)

Fatores como o medo, oriundo do desconhecido, fruto da repressão histórica sobre assuntos referentes a sexualidade, interferem diretamente nesta fuga ou de acordo com os autores, a negação da significação sexual infantil, gerando o acúmulo de dúvidas e desalinhamentos ideológicos:

Quando as crianças apresentam algumas das principais indagações, quando estas manifestam claramente suas curiosidades sexuais e interpelam seus interlocutores, quer pelas palavras ou ainda situações de vivência no cotidiano da família ou da escola, perguntando sobre os grandes problemas referentes à dinâmica da vida, o nascimento, a questão da morte e as causas das diferenças sexuais entre meninos e meninas; ou, ainda, quando as mesmas crianças são flagradas e vistas em gratificantes jogos de descobertas da sua sexualidade, no grupo escolar ou familiar, tais educadores e pais preferem fazer de conta que não vêem, embora muitas vezes sejam incapazes de disfarçar a indisposição que lhes toma o corpo. Não podemos afirmar tais atos e reservas como culpáveis. Não se trata aqui de fazer tribunais, mas de buscar entender e socializar este entendimento como uma premissa político-pedagógica, de que a criança necessita de diretrizes, anseia por critérios de informação e

Realização:



Apoio:

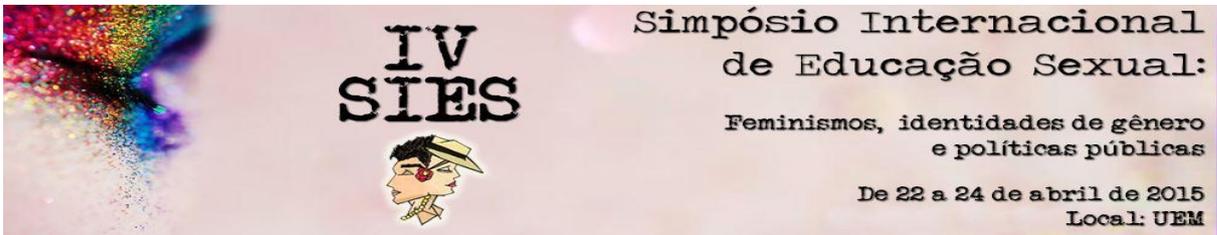


**DTP** Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:





significação sobre sua sexualidade e corporeidade em construção. (NUNES; SILVA, 2006, p. 116-117)

Fica claro para nós, que não basta apenas a identificação destas indagações que estarão presentes na vida de todo ser humano em formação. É indispensável também abdicar de uma didática necessária à qualificação dessas intercessões, através da apropriação de discursos e práticas específicas no tocante a sexualidade.

A terceira indagação busca compreender qual a importância direcionada ao conhecimento em sexualidade, para estes profissionais, já que este é fundamental a sua prática docente. A efetivação de propostas para mudanças e atualizações para a temática sexualidade, depende, além de outros fatores, do entendimento e reconhecimento que educadores têm sobre a necessidade de qualificação de sua intervenção. Acompanhemos a seguir a terceira questão e algumas respostas: **3 – Acredita que o conhecimento sobre esta área influencia em sua prática pedagógica? Como?**

Todas as respostas trouxeram o termo “adequado” e seus derivados como fundamento argumentativo. Apreciemos:

*“Sim. Porque através do conhecimento contribuir p/ a minimização de posturas inadequadas quando se depara c/ esse assunto, quer em termos de educação sexual, de detecção de alterações ou de prevenção do problema”;*

*“Sim, para melhor observação e encaminhamento adequado”;*

*“Sim. Através do conhecimento transmitimos informações de forma mais adequada”.*

Compreendemos que estes profissionais apresentam entre si, consenso no tocante ao destaque de se conhecer a sexualidade para a intervenção qualitativa, ou como supracitada “adequada”. Contudo, apesar destas considerações, nossos questionados, em sua maioria, não apresentaram de maneira esclarecida, quais

Realização:



Apoio:



**DTP** Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:





tipos de atitudes poderiam tomar, e sobre quais aspectos poderiam acontecer, afirmando ainda mais a urgência da ciência sobre o tema.

Apresentamos aqui, de maneira breve, sugestões encontradas em Bonfim (2012), para uma Educação Sexual escolar emancipatória:

Existem diversas maneiras de desenvolver atividades pedagógicas que trabalhem a educação sexual: músicas que retratem questões e metáforas sobre a sexualidade, cenas de novela, propagandas televisivas e filmes. Com base em escritos e letras de músicas podemos provocar reflexões sobre como se deram as relações afetivo-sexuais historicamente e como elas se dão nos dias de hoje; trabalhar valores éticos e estéticos; levando os alunos a uma visão mais ampla e crítica de como podemos viver a sexualidade com liberdade, responsabilidade e afetividade. (BONFIM, 2012, p. 44)

Podemos afirmar, que opções para abordar a temática não faltam, basta aos educadores compreenderem a importância da sexualidade para o desenvolvimento infantil e procurarem os instrumentos disponíveis e próprios para cada faixa etária, adaptando seus discursos, para colocarem em debates dúvidas decorrentes de nosso afloramento humano.

A última questão foi para confirmar, de acordo com pressupostos hipotéticos iniciais, a ausência de conhecimentos científicos disseminados nesta área, no período de formação, e as conseqüentes ações desajustadas ou omissões, no que se refere à sexualidade. A evidenciação destes professores nos leva a crer que apenas mudanças concretas em cursos de licenciatura, como a inserção de disciplinas para a educação e sexualidade, a criação de grupos de estudos e a capacitação através de cursos extra curriculares, podem auxiliar nas ingerências do cotidiano escolar. A quarta questão, foi apresentada da seguinte forma: **4 – Foram trabalhos conhecimentos em sexualidade em sua formação? Quais?**

Vejamos as presentes resoluções:

Realização:



Apoio:



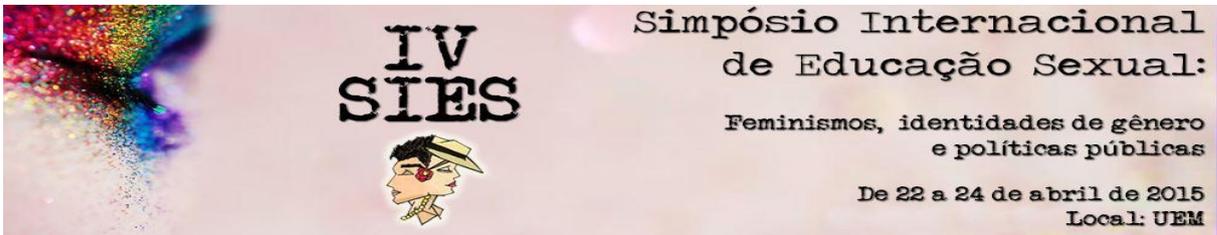
**DTP** Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:



PlayBook



“Não foram trabalhados no curso de Pedagogia, mas sim em curso de capacitação”;

“Na pedagogia não. Tive essa formação em outros cursos”;

“Não. Na minha época não tive nenhuma informação. Através da leitura de livros que tive informações”;

“Sim. Nos estudos relacionados ao desenvolvimento infantil”.

Observamos através das explanações que estes profissionais predominantemente não tiveram em sua formação, conteúdos que pudessem auxiliá-los em suas intervenções em âmbito escolar na temática de sexualidade. A única educadora que afirmou ter experimentado estes conhecimentos não exemplificou quais foram, e desta forma, deixa-nos nos a impressão de que sua vivência destaca-se como superficial e ausente de concreticidade pedagógica.

Para aumentarmos as possibilidades de sucesso interventivo para a sexualidade, apresentaremos a seguir algumas sugestões que podem auxiliar neste longo processo de aquisição de saberes e esclarecimentos para a futura disseminação em âmbito escolar básico.

## **SUGESTÕES PARA UMA EDUCAÇÃO SEXUAL EMANCIPATÓRIA**

Consideraríamos nosso trabalho ineficiente, se não pudéssemos realizar apontamentos em busca de uma melhor intervenção em âmbito escolar e esta seção se dedica fundamentalmente a este objetivo, já que identificamos nestes casos em específico, algumas significações que devem ser aprimoradas.

Primeiramente, consideramos emergencial a criação de uma disciplina na matriz curricular de cursos direcionados a docência e Pedagogia, que deem conta de evidenciar elementos cruciais na área de sexualidade, para posteriores intermediações. Essa disciplina deve abordar aspectos históricos, sociais e culturais com o intuito de esclarecer como e por quais motivações surgiram as atuais

Realização:



Apoio:

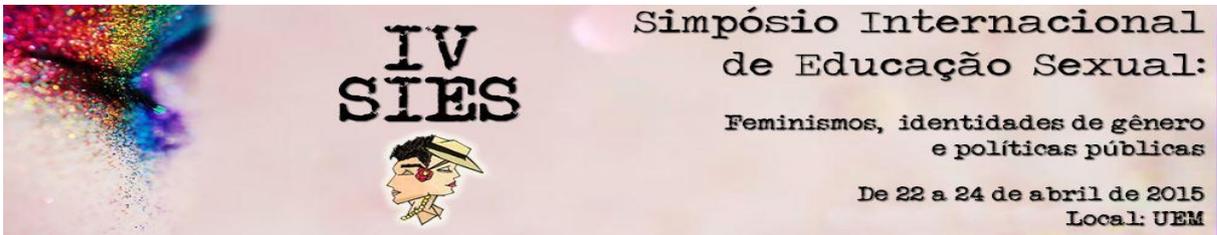


**DTP** Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:





concepções de sexualidade, e a forma de lidar com este tema, visualizado usualmente de maneira médica-biológica, não se apresentando como suficiente no esclarecimento pedagógico.

Deve abordar de maneira qualitativa, as principais de vertentes de análise da Educação Sexual, elencadas por nós, segundo Nunes (2006), a *normativa* e *paranética*, *médico-biologista*, *terapêutica-descompressiva* e a delineada pelo próprio César Nunes como Educação Sexual Emancipatória, e que se constitui na tendência mais esclarecedora em nossa concepção, pela abordagem a aspectos filosóficos, antropológicos e sociológicos da Sexualidade.

A formação continuada também se aprecia com um notório papel de acrisolamento de todos os conhecimentos adquiridos em tempos de graduação, e neste caso, sobre a sexualidade. Sabemos que somente se aprimora aquilo que se existe, por isso, estes estudos posteriores devem estar agregados aos saberes obtidos na disciplina de Educação Sexual.

Nossa terceira sugestão é para a ampliação do número de grupos de estudos temáticos, atingindo diversas áreas deste conhecimento como currículo e sexualidade, relações de gênero, direito sexual, diversidade, entre outros que compõem a gama de ideias alusivas a sexualidade. Vejamos os objetivos necessários a um grupo de pesquisas deste tema, utilizando o referencial do GEPES (Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação e Sexualidade), do qual fazemos parte. De acordo com Bonfim (2014, p. 236):

A proposta de trabalho do GEPES é contribuir para o aprimoramento acadêmico na área de ensino, pesquisa e extensão e a compreensão social, cultural e ética da sexualidade a partir de sua historicidade, buscando ir além da visão médica-biologista-higienista entendendo a sexualidade como parte fundamental do desenvolvimento e relacionamento humano. Pretende-se elevar a qualidade da formação de dos futuros Docentes e Profissionais da Saúde e Direito, para que atuem qualitativamente no espaço escolar e social, bem como, para a produção de conhecimento sobre Sexualidade e Educação Sexual visando fomentar o debate político sobre Sexualidade e Direitos humanos.

Realização:



Apoio:



**DTP** Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:





Mesmo perante estas propostas, não podemos deixar de enfatizar a importância da dedicação do profissional na obtenção de ferramentas necessárias a sua melhoria em sala de aula, conscientizando-se que seu trabalho e sua intervenção, são momentos únicos na vida de cada educando, e serão primordiais em seu futuro para a exercício de uma sexualidade emancipada. Os educadores devem compreender que suas vivências particularizadas não são suficientes para a orientação educacional e por isso é essencial que abdicuem de seu tempo na tentativa de aprimorar métodos de interferências para o esclarecimento de educandos, relegando qualquer preconceito originário de crenças, religiões, família, a cultura ou de qualquer outra natureza social e ideológica.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho constituiu-se em uma pequena amostra da realidade educacional do município de Cornélio Procopio, e, como expressão da verdade, acreditamos que algumas mudanças, como as supracitadas, são fundamentais ao êxito das intervenções de professores no tocante a Sexualidade.

Retornando a indagação que nos direcionou para esta pesquisa: os profissionais da educação fundamental encontram-se preparados para intervir de maneira qualitativa em manifestações da Sexualidade? Para não correremos o risco da generalização, afirmamos que os profissionais averiguados nesta pesquisa não se encontram preparados para estas intervenções, contudo, não podemos aplicar este resultado a toda categoria deste nível de ensino, sem uma pesquisa de porte maior, para comprovação. Ainda assim, refletimos hipoteticamente que a repressão histórica influenciou na construção de currículos do ensino superior, omitindo estudos sobre a sexualidade, o que nos leva a crer, que esta amostragem, pode sim, ser compreendida como uma sentença real da condição de nossos educadores.

REALIZAÇÃO:



APOIO:



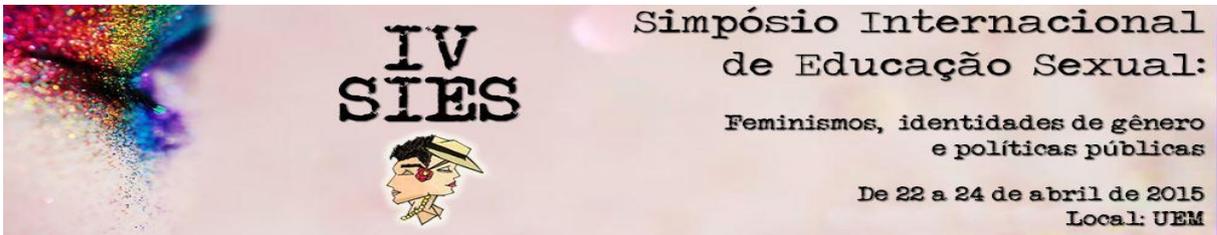
**DTP** Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:



PlayBook



## REFERÊNCIAS

BONFIM, C. **Desnudando a educação sexual**. Campinas, SP: Papyrus, 2012.

\_\_\_\_\_. **Educação Sexual Emancipatória: As categorias, as pesquisas e ações do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação e Sexualidade (GEPES) do Programa de Educação Tutorial (PET) do Ministério da Educação (MEC) da Faculdade Dom Bosco (FDB)**. In: BIANCON, M. L.; MAIA, J. S. S. (Orgs.) **Educação das relações de gênero e em sexualidades: reflexões contemporâneas**. Curitiba, PR: Appris, 2014.

GUIMARÃES, I. R. F. **Ilusão e Realidade do sexo na escola: Um estudo das possibilidades da educação sexual**. 1989. 176 f. Tese de Doutorado (Metodologia do Ensino) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas - SP. 1989.

PÁDUA, E. M. M. **Metodologia da Pesquisa: Abordagem teórico-prática**. 6. ed. rev. e ampl. Campinas, SP: Papyrus, 2000.

NUNES, C. **Educar para a emancipação**. – Florianópolis, SC: Sophos, 2003.

NUNES, C; SILVA, E. **A educação sexual da criança: subsídios teóricos e propostas práticas para uma abordagem da sexualidade para além da transversalidade**. – 2. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2006.

## ABSTRACT

This work is qualitative-bibliographic-explicative, with field research contribution. The objective is to explore how basic education teachers, specifically the elementary school, the city of Cornelius / PR, understand the theme of sexuality in their everyday school life. It is based especially on Nunes Silva, Guimaraes, Bonfim, among other scholars in the field. Wonders: professionals in the primary education are prepared to intervene in a qualitative manner in demonstrations of Sexuality? In order to reveal the answer proposed initially presents information relating to us by selection criteria used for this study, which was developed through open questionnaires. Later, it becomes clear analysis of the resolutions of the issues arising applied and its specificities. Up approach also suggestions for improving educational practice education and sexuality. At the end of the study, it is considered that knowledge on sexuality area is essential and urgent to educators of higher education, as events in everyday school life, do not receive appropriate intervention, undermining the process of building the sexual emancipation of each student .

**Keywords:** Sexuality; Education; Teaching; Elementary School; Emancipation.

Realização:



Apoio:



**DTP** Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:



PlayBook